



Práticas Corporais em tempos de distanciamento social e coronavírus

Nota Técnica 1 - GTT Comunicação e Mídia do CBCE

A pandemia do coronavírus (COVID-19) é uma realidade no Brasil permeada por medos, incertezas, e irresponsabilidade de grande parte do mercado e do Estado, sobretudo do governo federal. O distanciamento social, estratégia adotada rapidamente por grande parte da população brasileira como via de esperança para o enfretamento desse vírus, tem demandado criatividade de todos e todas para o exercício das práticas corporais constituintes das nossas culturas. Todavia, questões sociais, políticas e econômicas têm se apresentado neste contexto, para diferentes segmentos da sociedade, como obstáculos para a manutenção dessas práticas como expressão vívida da existência humana.

O aprimoramento do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), e de todas as instituições que buscam e prezam pela democracia plena como nós, passa pelo desafio contemporâneo da polifonia, da velocidade da informação e da comunicação, e da busca incessante por expressão e representatividade. O novo ecossistema comunicativo digital abriu espaço para a exposição das múltiplas ancoragens territoriais demarcadas pelos diferentes grupos e matrizes constituintes das culturas, como previa Martín-Barbero. Essa ambiência convida a todos para a exposição do eu, fenômeno subjetivamente necessário para muitos. Para nós do CBCE, no entanto, o desafio desse cenário é lidar, gerir e bem definir o que é expressão da unidade e o que é expressão da nossa pluralidade. Dominique Wolton defende que não há comunicação sem pluralidade de perspectivas. Para ele, se não ocorrer de modo plural, o processo não deve sequer ser chamado de comunicação, mas unicamente de ação de informar. Nesse sentido, o CBCE, por meio da sua Direção Nacional e dos seus 13 Grupos de Trabalhos Temáticos (GTTs), vem propor um processo comunicativo de reflexões e esclarecimentos sobre as práticas corporais em tempos de distanciamento social e coronavírus. A primeira nota técnica é do GTT 2 – Comunicação e Mídia.

Talvez nunca, em todos os tempos, os meios de comunicação tenham tido relevância tamanha como a que estão exercendo nesse momento da maior crise da sociedade moderna/contemporânea. Essa crise afeta a sociedade global e a desafia a pensar novas formas de interação, novos procedimentos comunicacionais, novos arranjos intersubjetivos, agora mediados quase que exclusivamente pela tecnologia digital. A cultura digital exerce neste momento um protagonismo absoluto no âmbito das relações socioculturais. A partir da superação da hegemonia das mídias de massa, parece que enfim realizou-se o “sonho” do empoderamento do indivíduo comum. Antes, confinado na posição de espectador passivo, o usuário que pode pagar por essas tecnologias conta com variadas ferramentas e plataformas de comunicação capazes de garantir-lhe a participação ativa em redes e comunidades online do mundo inteiro. Entretanto, à sombra do sonho supostamente realizado, também emergiram diversos problemas que evidenciam a distância entre a experiência atual no ciberespaço e a esfera pública digital tão idealizada por pensadores e ativistas. Bots, trolls, vigilância digital estatal e corporativa, bolhas sociais e fake news são apenas alguns dos desafios associados a esse cenário.



COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE – DN

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Rua Felizardo, 750, Jardim Botânico, Porto Alegre, RS
e-mail: cbcedn@gmail.com - Telefone: (41) 3360-4201

Em tempos de recolhimento social, as práticas corporais também são afetadas pela crise e, por conseguinte, adquirem novas formas de circulação e endereçamento via diferentes aparatos midiáticos, especialmente as redes sociais. Soluções para romper a inatividade, para manter o treinamento, para preencher os vazios humanos, etc., são pensadas e propostas por diferentes instituições ou pessoas. Acredita-se que a maior parte dessas proposições sejam de boa-fé; no entanto, sabemos que há, no âmbito da cultura digital, um sem-número de discursos equivocados, maliciosos, perversos, alinhados obviamente com uma cultura individualista e do “se dar bem” que impera em nossa sociedade. Além disso, as torrentes de desinformação que antes se restringiam aos porões da internet e círculos sociais de pouca representatividade, hoje estão fortalecidas e circulam livremente pelas mais elevadas esferas do poder. Nesse momento, testemunhamos tentativas insidiosas de pautar a formulação e implementação de políticas públicas de saúde – e com ela os regimes de circulação e lugares do corpo na sociedade – a partir de argumentos pseudocientíficos e narrativas conspiratórias, à revelia das indicações e recomendações da comunidade de especialistas, pesquisadores e entidades competentes. Por isso, estamos diante do desafio de, pela busca da informação fidedigna, pelo esclarecimento, pelo uso da razão intersubjetiva e pela participação cívica alicerçada no bem comum, problematizarmos essas estratégias e denunciarmos aquelas que não contribuem para que, diante de momento tão grave, a sociedade possa usufruir de possibilidades de práticas corporais verdadeiramente saudáveis e emancipadoras.

30 de março de 2020,

GTT “Comunicação e Mídia” e Direção Nacional do CBCE.